

## As bases conceituais dos conectores condicionais em português

### Conceptual domains for conditional connectors in Portuguese

Táisa Peres de Oliveira \*

[taisapoliveira@gmail.com](mailto:taisapoliveira@gmail.com)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

**RESUMO:** Neste trabalho, o objetivo principal é mostrar como a categoria condicionalidade está internamente organizada em termos das bases conceituais que dão margem ao significado condicional. As bases teóricas deste trabalho assentam-se sobre a perspectiva dos modelos baseados no uso, em especial nos termos de Bybee (2010) e Dancygier (1998), considerando a relativa instabilidade da gramática e a fluidez categorial. As reflexões principais apontam a condicionalidade como uma categoria bastante complexa que serve ao abrigo de múltiplas construções. A partir daí, analisa-se o modo como os parâmetros de condicionalidade se associam aos diferentes domínios conceituais a partir do qual traços do significado condicional emergem. Os resultados, espera-se, contribuirão para um entendimento mais amplo da manifestação da condicionalidade em português e, de modo mais geral, da condicionalidade como um todo. Os dados para a análise foram coletados do banco de dados [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).

**PALAVRAS-CHAVE:** Parâmetros de condicionalidade. Construção condicional. Modelos baseados no uso.

**ABSTRACT:** This research offers a wide-ranging discussion about conditional construction in Portuguese. The main goal here is to show how conditional meaning can be explained on the basis of its conceptual domains. The assumptions made here are based on the usage based approach following mainly Bybee (2010) and Dancygier (1998). The analysis suggests that conditionality may be conceived as a complex category that covers for a variety of very different patterns of constructions. The analysis focus on all different patterns of constructions in order to observe how their meaning rely on the basic conditionality parameters. Therefore it is possible to explain aspects of their meaning based on the conceptual domains they emerge from. As a main result, the paper will provide a comprehensive understanding of the conditional meaning in Brazilian Portuguese and its various facets. The data analyzed was collected at an online database available at [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).

**KEY-WORDS:** Parameters of conditionality. Conditional construction. Usage-based approach.

---

\* Doutora pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Paulista - Araraquara. Realizou Estágio de Doutorado Sanduíche na Universidad de La Laguna, Espanha. Atualmente, é Professora Associada na área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras.

## Considerações iniciais

Este artigo integra uma série de estudos sobre a condicionalidade em português, tais como Ferrari (2001), Oliveira e Hirata-Vale (2017), Oliveira (2019). Em comum, esses estudos partem do entendimento da condicionalidade como uma categoria conceitual, concebida nos termos de Dancygier (1998) e Dancygier e Sweetser (2005), assumindo, principalmente, que o significado condicional resulta da convencionalização de inferências ativadas pela correlação de vários aspectos, chamados parâmetros básicos da condicionalidade. Nesse contexto, este trabalho coloca como objetivo central compreender as bases conceituais a partir das quais conectores condicionais emergem e como os parâmetros da condicionalidade estão interligados.

No geral, estudos que analisam a emergência do significado condicional assumem dois caminhos distintos: há um conjunto que estuda a relação entre o significado condicional e estruturas formais (tais como cópula e estruturas relativas) e outro que estuda a relação entre o significado condicional e alguns domínios semânticos (modalidade e noções de tempo, por exemplo). Aqui, pretende-se discutir que, independentemente do tipo de expediente formal fonte, há um conjunto restrito de domínios semânticos a partir do qual o significado condicional pode emergir. Ao fim, propõe-se a sequencialidade como o principal traço para inferências que levam à convencionalização do significado condicional.

As bases teóricas deste trabalho estão assentadas nos Modelos Baseados no Uso (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), entendendo, principalmente, a gramática como organização cognitiva da experiência linguística cuja unidade básica de análise é a construção, e na visão da condicionalidade como categoria conceitual de Dancygier (1998) e Dancygier e Sweetser (2005).

Para tanto, este artigo está organizado do seguinte modo: 2) primeiro apresentam-se as bases teóricas do trabalho e 3) o estado da arte, destacando em especial a visão de condicionalidade que sustenta a análise; 4) apresenta-se a proposta de sistematização das nuances da condicionalidade e as bases conceituais a partir das quais elas emergem; a seção de considerações finais apresenta

reflexões mais gerais e as implicações da visão defendida aqui para o entendimento da condicionalidade de um modo geral.

## 1 Os Modelos Baseados no Uso

O presente artigo parte do princípio fundamental de que instâncias do uso linguístico impactam a representação cognitiva da língua, encontrando abrigo nos chamados Modelos Baseados no Uso (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Um ponto central nesses modelos é o entendimento de que a estrutura gramatical emerge de processos cognitivos gerais, já que padrões da linguagem são parte de habilidades cognitivas gerais tais como categorizar, estabelecer relações e operar em níveis local e global. Como consequência, assume-se a gramática como um sistema conceitual organizado em rede, entendendo que a organização linguística se espelha no modo como outros aspectos da cognição estão estruturados.

Nessa perspectiva, a gramática é concebida como o resultado das experiências dos usuários com a língua. Os padrões e as regularidades, em qualquer nível de especificidade, se manifestam em unidades esquemáticas abstraídas de instâncias reais. As unidades da língua emergem da fixação de configurações recorrentes nos eventos de uso que se estabelecem como rotinas cognitivas. A língua é, então, concebida como um inventário *estruturado* de unidades linguísticas convencionais, as construções, organizadas em redes. Conforme Langacker (2008),

[p]odemos descrever a língua como um inventário *estruturado* [grifo no original] de unidades linguísticas convencionais. Essa estrutura – a organização das unidades em redes e agrupamentos – está intimamente relacionada ao uso da língua, tanto modelando-a como sendo moldado por ela<sup>1</sup>. (LANGACKER, 2008, p. 222, tradução nossa)

As construções são entendidas como unidades “convencionais já que são compartilhadas por um grupo de falantes. São simbólicas no sentido de que são signos, associações geralmente arbitrárias de forma e significado<sup>2</sup>”.

---

<sup>1</sup> We can describe a language as a structured inventory of conventional linguistic units. This structure – the organization of units into networks and assemblies – is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it.

<sup>2</sup> “constructions are conventional in that they are shared among a group of speakers. They are symbolic in that they are signs, typically arbitrary associations of form and meaning” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 1)

A partir daí, entende-se que estrutura e significado são armazenados como parte de uma rede de construções, concebidas como resultado de generalizações e convencionalizações do uso linguístico. O modelo assume que há um cline de estruturas linguísticas, que vai do mais geral ao totalmente idiossincrático. Qualquer elemento nesse cline deve ser concebido num mesmo formato, do mais particular, tais como palavras individuais, ao mais geral, como padrão de ordenação de constituintes, com várias sub-regularidades no entremeio. Por aí se chega ao postulado mais fundamental do modelo: a não divisão estrita entre léxico e regularidades gramaticais. Tomando como ponto de partida a visão saussureana da arbitrariedade do signo, a abordagem construcional explora a ideia de que o pareamento arbitrário entre forma e significado é relevante não apenas para o estudo de morfemas e itens lexicais, mas em todos os níveis de descrição gramatical.

Especialmente relevante para este trabalho é o entendimento das categorias como resultantes da relação de similaridade entre unidades linguísticas. Em outras palavras, os níveis de abstratização são construídos através da categorização de instâncias similares em representações mais abstratas. A categorização tem base na experiência e pode ser entendida como “(...) a similaridade ou identidade pareada que ocorre quando palavras ou sintagmas e suas partes componenciais são reconhecidas e mapeadas com representações armazenadas. As categorias resultantes constituem a base do sistema linguístico<sup>3</sup>” (BYBEE, 2010, p. 7).

Como princípio fundamental reconhece-se o caráter emergente da gramática, adaptável às pressões advindas do uso da língua em eventos reais. Qualquer consideração sobre a língua deve partir, portanto, do uso linguístico, considerado como o complexo instanciador e motivador de padrões funcionais que ativam e modificam as estruturas gramaticais. O objeto de descrição são os esquemas gerais resultantes da convencionalização da relação entre estrutura linguística e sua interpretação semântico-pragmática. É partindo desses princípios que se pretende analisar a condicionalidade, assumindo que o significado condicional pode ser descrito através da correlação de um conjunto de parâmetros que se manifestam em maior ou menor grau nos diferentes subesquemas, o que discutiremos em seguida.

---

<sup>3</sup> “[...] categorization I mean the similarity or identity matching that occurs when words and phrases and their component parts are recognized and matched to stored representations. The resulting categories are the foundation of the linguistic system.”

## 2 A condicionalidade como categoria conceitual

No abrigo dos Modelos Baseados no Uso (LANGACKER, 1987), em especial da Gramática de Construções, este trabalho toma como ponto central o entendimento da condicionalidade concebida como uma categoria conceitual, nos termos de Dancygier (1998) e Dancygier e Sweetser (2005). Assim, assume-se a condicionalidade como um significado convencional, que somente pode ser compreendido se considerado o modo como as propriedades lexicais e estruturais da construção condicional são mapeadas em aspectos de sua interpretação semântico-pragmática.

O ponto de partida é a identificação de

[...] uma função comum para a estrutura formal *if p, q* [equivalente inglês à moldura *se p, q* do português], que torna possível examinar os modos como a interpretação de condicionais reais são baseadas nessa função comum, em combinação com significados atribuídos por outros elementos formais (formas verbais, ordem, etc.) e com fatores contextuais (DANCYGIER, 1998, p. 4)<sup>4</sup>.

Ou seja, identifica-se um padrão comum, recorrente e por isso mesmo mais próximo do que se pode chamar de núcleo prototípico e, a partir dele, vão se definidos os demais membros. Demais construções são identificadas como condicionais na medida em que compartilham propriedades formais e funcionais com esse núcleo central.

Questão essencial para a análise que se faz aqui é a visão da condicionalidade como significado convencional e não composicional. O significado de condição resulta da correlação de diferentes aspectos da estrutura condicional, que ativam inferências que se convencionalizam. Conforme Dancygier (1998),

[...] parte estrutural de uma construção envolve um conjunto de padrões encontrados em qualquer língua, mas que em qualquer construção particular são associados com um significado especial (semântico, pragmático ou ambos). O modo como as construções são interpretadas não é totalmente composicional, mas a informação semântico-pragmática não previsível é, na verdade, associada a propriedades formais da construção de modo convencional (DANCYGIER, 1998, p. 5)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> “[...] common function of the *if p, q* formal structure, it will then be possible to examine the ways in which interpretations of actual conditionals are based on that common function, in combination with the meanings contributed by other formal elements (verb forms, clause order, etc.) and with contextual factors.”

<sup>5</sup> “[...] structural part of a construction may involve an assembly of patterns found elsewhere in the language, but in any particular construction the selected patterns are associated with special meaning (semantic, pragmatic, or both). The way in which constructions receive their interpretations is not fully

Um aproveitamento que se tira daí é o entendimento de que a oração condicional pode ser representada por um esquema abstrato mais geral, que sanciona subesquemas mais específicos. Em outras palavras, considera-se, então, um esquema mais geral, apreendido por meio de generalizações de instâncias de uso, identificados em termos de pareamento e semelhança ao núcleo central, e em termos de extensões convencionalizadas. Fica implicada, necessariamente, a coexistência de estruturas mais prototípicas e outras mais periféricas. É o que mostram Oliveira e Hirata-Vale (2017), que demonstram como a condicionalidade em português pode ser expressa por uma diversidade de molduras sintáticas que, no geral, se ligam a um núcleo prototípico por propriedades específicas. Em Oliveira (2019), propõe-se como esquema mais geral para a construção condicional:

[[conector] ORAÇÃO] ↔ CONDIÇÃO

A autora afirma que

o esquema [[conector] ORAÇÃO] abstratiza um padrão geral que sanciona diversos subesquemas parcialmente especificados, no qual um *slot* é especificado pelo tipo de conector com um padrão colocacional relativamente amplo (ORAÇÃO), que pode assumir formas variadas de orações finitas ou não-finitas, declarativas, imperativas ou interrogativas, positivas ou negativas. (OLIVEIRA, 2019, s/p).

Conforme Oliveira (2019), esses subesquemas são relativamente produtivos, já que sancionam, em níveis mais específicos, diferentes microconstruções. O que fica implicado aí é que a construção condicional abriga uma variedade de subesquemas e microconstruções relacionadas, formando uma categoria central, que tem um conjunto de propriedades semântico-pragmáticas específicas da qual os exemplares herdaram traços de forma e/ou de significado. No geral, os autores (TRAUGOTT, 1985; SWEETSER, 1990; DANCIGYER, 1998; DANCYGIER, SWEETSER, 2005) apontam sentidos diversos que se desmembram em:

1) *predição*: capacidade da oração condicional de projetar uma conclusão futura a partir de uma causa dada;

---

compositional, but the non-predictable semantic and pragmatic information is in fact associated with the formal features of the construction in a conventional way.”

2) *hipoteticidade*: modo como o falante concebe a probabilidade de ocorrência dos conteúdos descritos na condicional;

3) *alternatividade*: capacidade que a oração condicional tem de projetar um mundo alternativo;

4) *não assertividade*: condicionais introduzem um conteúdo não-factual (concebido como possível ou contrafactual)

5) *distanciamento epistêmico*: por meio da condicional, falantes manifestam certo grau de distanciamento epistêmico do conteúdo enunciado;

6) *contexto de fundo/topicalidade*: construções condicionais podem atuar como uma estrutura tópico comentário, em que a condicional veicula o tópico do enunciado, comentado na oração núcleo.

O que se tem, então, é uma correlação convencional de aspectos formais e semântico-pragmáticos diversos. É o que Dancygier (1998) concebe como parâmetros definidores da condicionalidade. Para o exame realizado aqui, consideram-se os seguintes parâmetros:

- 1) **Causalidade**: há sempre uma base causal entre os enunciados de uma construção condicional, que emerge, principalmente, da sequencialidade entre os enunciados descritos. Essa relação, em última instância, pode ser interpretada em quatro domínios cognitivos: o de conteúdo, o epistêmico, o dos atos de fala e o metatextual. Os domínios são ligados via metáfora, possibilitando a extensão dos significados de domínios físicos para domínios mental e social. Os significados vão, assim, se distanciando da base causal à medida que se tornam mais (inter)subjetivos.
- 2) **Não assertividade da construção**: uma das características básicas da condicional é apresentar um evento em que as condições de felicidade não estão plenamente preenchidas. A estrutura condicional, conforme a autora, não representa uma realidade nem faz uma declaração sobre um estado-de-coisas. Ao contrário, a condicional anuncia uma premissa que pode ser afirmada dentro de determinadas condições, mas que não pode ser afirmada neste enunciado particularmente. Assim, enuncia-se um evento não realizado, uma proposição não verdadeira ou um ato de fala não assertivo. Dancygier (1998, p. 19) afirma que, ao construir seu enunciado na forma de uma

condicional, “(...) o falante não tem embasamento suficiente para enunciar  $p$  como uma declaração factual e pode, de fato, não acreditar na verdade de  $p$ <sup>6</sup>”.

- 3) **Predição** (futuro potencial): está estreitamente ligada à capacidade que a condicional tem de projetar uma hipótese, de se referir a uma situação futura, que é concluída a partir de determinada situação também não realizada e diferente do contexto de enunciação. No geral, a predição é marcada pelos tempos e modos verbais que figuram na construção condicional.
- 4) **Distância epistêmica**: diz respeito ao posicionamento do falante com relação ao enunciado. Sabe-se que o enunciado condicional se baseia em uma hipótese, construída pelo falante, que pode ser marcada por diferentes graus de hipoteticidade, conforme o falante concebe seu enunciado. Assim, o falante pode enunciar um evento futuro (potencial) como também pode enunciar um evento não real (contrafactual). A distância epistêmica também se marca pela seleção de formas verbais.
- 5) **Espaços mentais**: os conectores condicionais são concebidos como construtores de espaços mentais hipotéticos. Tal fato está ligado à capacidade que tem o conector condicional de construir espaços alternativos no discurso, em que uma proposição tem sua validade assegurada ou é asseverada. Considerando a estrutura básica da condicional – **se  $p$ , (então)  $q$**  – pode-se afirmar que  $p$  é o espaço fundação, a partir do qual se apresenta  $q$  como o espaço expansão que contém os termos da validação temporária de  $q$ .

Como consequência dessa proposta, assume-se que o significado condicional é resultado de processos inferenciais instaurados pela correlação de diversos parâmetros que resultam na convencionalização dessas inferências e implicaturas. Diversos estudos têm partido dessa proposta para explicar o funcionamento da condicionalidade em português, como se nota em Ferrari (2001), Oliveira e Hirata-Vale (2017) e Oliveira (2019).

Seguindo esse modelo, propõe-se investigar aqui as bases conceituais a partir da relação entre as bases conceituais das quais emergem conectores condicionais e

---

<sup>6</sup> (...) the speaker does not have enough grounds for asserting  $p$  as a factual statement and may in fact not believe  $p$  to be true”.



os parâmetros de condicionalidade. Acredita-se, assim, assegurar um tratamento cognitivamente motivado do significado condicional e, ainda, compreender de que modo a coexistência de diferentes exemplares impactam a representação mais geral e abstrata desse significado. É o que se faz em seguida.

### 3 As bases conceituais dos conectores condicionais

#### 3.1 Material

Antes da análise, cabe esclarecer que este artigo toma dados indiretos. Partimos do conjunto de conectores condicionais arrolados em Neves (2000) e Oliveira e Hirata-Vale (2017). Como o propósito aqui é analisar a relação entre a base conceitual dos conectivos e os parâmetros de condicionalidade, não se faz necessário levantamento quantitativo de dados. Assim, são considerados, aqui, os conectivos condicionais simples e complexos que, conforme Oliveira e Hirata-Vale (*ibidem*), podem ser representados pelos esquemas:

<b>[V que]</b>	dado que, visto que, posto que, supondo que, considerando que
<b>[ADV que]</b>	contanto que
<b>[PREP que]</b>	desde que, sem que
<b>[ADV se]</b>	somente se, exceto se, só se
<b>[PREP N de]</b>	no caso de
<b>[PREP N se]</b>	no caso se
<b>[PREP N PREP que]</b>	na condição de que, na eventualidade de que
<b>[PREP NEG COP que]</b>	a não ser que
<b>[PREP ADV que]</b>	a menos que
<b>[conectivo]</b>	se, caso

As ocorrências que ilustram nossa discussão foram coletadas no *Corpus do Português*, coletados no website <[www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)>, organizado por Davies e Ferreira (2006). Trata-se de um banco de dados com mais de 45 milhões de palavras em quase 57.000 textos, que contemplam as variedades do português brasileiro e europeu, nos registros oral e escrito, num período que vai dos séculos do XIV ao XX. Os textos que compõem o *corpus* estão divididos entre os tipos

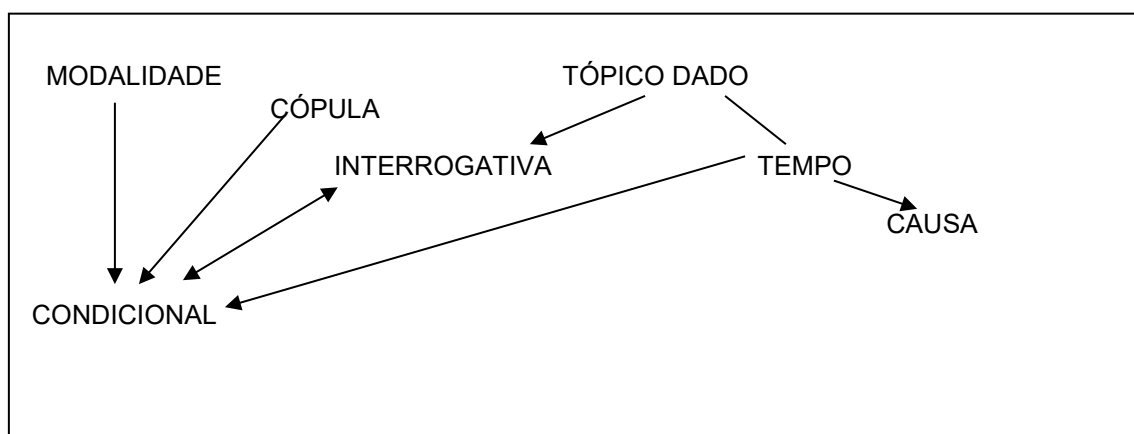
acadêmico, notícias, ficção e oral. Para este trabalho, especificamente, considerou-se apenas dados do português brasileiro, dos séculos XIX e XX, contemplando os diferentes tipos de texto que compõem o *corpus*. Cabe esclarecer, ainda, que a análise realizada aqui é qualitativa e se pauta pela observação dos padrões funcionais sem se ocupar de levantamentos quantitativos, dispensáveis à discussão que se faz neste momento. As ocorrências trazem anotação sobre o século (13-20), variedade (europeu ou brasileiro) e gênero (acadêmico, ficção, oral e notícia), respectivamente nessa ordem.

### 3.2 Discussão e resultados

O objetivo aqui é demonstrar que há uma relação entre a base conceitual do conectivo e os traços de condicionalidade expressos pela construção que ele integra. Ou seja, pretende-se demonstrar que há uma relação entre os domínios semânticos a partir dos quais emergem conectivos condicionais e os parâmetros básicos da condicionalidade.

No geral, a literatura sobre o tema não separa a complexidade estrutural dos itens fonte do domínio conceitual ao qual o item pertence. É o que se vê, por exemplo, na proposta de Traugott (1985), que não distingue claramente entre os significados de base (por exemplo, modalidade, topicalidade, temporalidade) das construções usadas na formação dos conectores (por exemplo, estruturas relativas, construções de cópula, verbo, advérbio). Vejam o quadro 1, elaborado pela autora, para explicar as bases dos conectores condicionais.

**Quadro 1:** Mapa cognitivo das condicionais



Vê-se aí a rede complexa que se forma entre os domínios fontes que servem para o desenvolvimento de conectores condicionais, revelando-se também os diferentes caminhos que o significado percorre desde sua origem mais concreta até chegar ao significado condicional, indiscutivelmente mais abstrato. Fica evidente a dimensão cognitiva do significado, apreendido a partir da capacidade de organização conceitual e de princípios de categorização. No entanto, algumas questões ficam ainda sem resposta. Considerando que os parâmetros de condicionalidade se manifestam de modo diferenciado nos subesquemas construcionais, cabe ainda verificar se os domínios semânticos de origem se correlacionam com os traços do significado condicional expresso nas construções. Além disso, é preciso distinguir o que é a condicionalidade como uma categoria conceitual do que é a classe dos conectores condicionais como expediente formal usado para marcar a condicionalidade. Nesse sentido, aqui se rejeita o quadro elaborado em Traugott (1985), já que a autora não separa os domínios semânticos da complexidade estrutural das fontes do significado condicional.

Em primeiro lugar, um mesmo significado pode emergir de diferentes estruturas gramaticais. A topicalidade, por exemplo, pode ser marcada por estruturas relativas (SNs relativos), construções de cópula (com sentido existencial) e por meio de partículas especiais. Ao mesmo tempo, há significados que são restritos a uma forma estrutural, como parece ser o caso dos conectores originados a partir da conceptualização de tempo, que selecionam frequentemente os advérbios e preposições como fonte lexical de origem.

Desse modo, é preciso uma proposta que explique até que ponto os domínios conceituais a partir dos quais o significado condicional emerge restringem os tipos estruturais que servem como base lexical para a formação dos conectores. Em última instância, é a partir dessa distinção que se podem explicar os padrões de transferência e as regularidades envolvidos na organização estrutural e conceitual dos conectores condicionais e da condicionalidade, mas este é tema para outro trabalho.

Para cumprir os propósitos deste trabalho, retomemos aqui o conjunto dos subesquemas condicionais que licenciam o significado de condição no português contemporâneo:

<b>[V que]</b>	dado que, visto que, posto que, supondo que, considerando que
<b>[ADV que]</b>	contanto que
<b>[PREP que]</b>	desde que, sem que
<b>[ADV se]</b>	somente se, exceto se, só se
<b>[PREP N de]</b>	no caso de
<b>[PREP N se]</b>	no caso se
<b>[PREP N PREP que]</b>	na condição de que, na eventualidade de que
<b>[PREP NEG COP que]</b>	a não ser que
<b>[conectivo]</b>	se, caso

Neles, o significado de condição, que, de modo mais amplo, pode ser explicado pelo estabelecimento da causalidade não preenchida entre duas proposições, manifesta-se em nuances semântico-pragmáticas diversas, aqui compreendidas como parâmetros básicos da condicionalidade.

Um primeiro domínio semântico fonte para o significado condicional é a modalidade, em especial modalidade epistêmica, associada às noções de dúvida e possibilidade. Em português, esse é o caso da microconstrução [[supondo\_que] O<sub>i</sub>], como no exemplo:

- (1) Ora, pelas estatísticas atuais, criminosamente toleradas pelo Governo, que tem na matrícula a confissão do crime dos proprietários, o número dos africanos escravos sobe no Brasil a 200.000. **Supondo que metade deste número é tirado dos importados depois do tráfico**, temos que o número das pessoas livres reduzidas à escravidão é no Brasil nada menos de 700.000. (18:Patrocínio:Campanha)
- (2) Não. Esclareço-te. Jogaste uma cartada, foste feliz, dá-te por bem pago por estes largos meses de tranqüilidade. **Supondo que tua sogra se incompatibilize com a d. Alice**, acharás depois outra governanta nas mesmas condições. Esta é tão perfeita como será a outra, desde que tenhas com ela as mesmas exigências que tiveste com esta. (19:Fic:Br:Lopes:Intrusa)

Em Oliveira (2019), analisaram-se os processos de mudança que levam à emergência do conectivo condicional, discutindo a estreita relação entre os

conectivos condicionais e os significados modais. Nesse caso, especificamente, um verbo de percepção cognitiva que, por meio de projeções metafóricas, assume um valor de modalização epistêmica. Conforme Oliveira (2019), esse é o gatilho principal para o desenvolvimento do significado de condição expresso na microconstrução [[supondo\_que] O<sub>i</sub>]. Esse significado se liga diretamente à distância epistêmica e não-assertividade. Por meio do uso de [supondo\_que], o falante indica sua crença na não realidade das orações por ele enunciadas.

Um segundo domínio semântico é o de tempo, como se nota na microconstrução [[desde\_que] O<sub>i</sub>]. A conceptualização de condição por meio de fontes lexicais que indicam temporalidade, em especial temporalidade que expressa uma certa duração é atestada em vários estudos sobre emergência de conectivos condicionais (cf. TRAUGOTT, 1985). É o que se nota no exemplo:

- (3) Essas conseqüências são previstas **desde que eles façam evidentemente um um um exame pré - nupcial ou pré-natal** (19Or:Br:LF:Recf) CONDIÇÃO

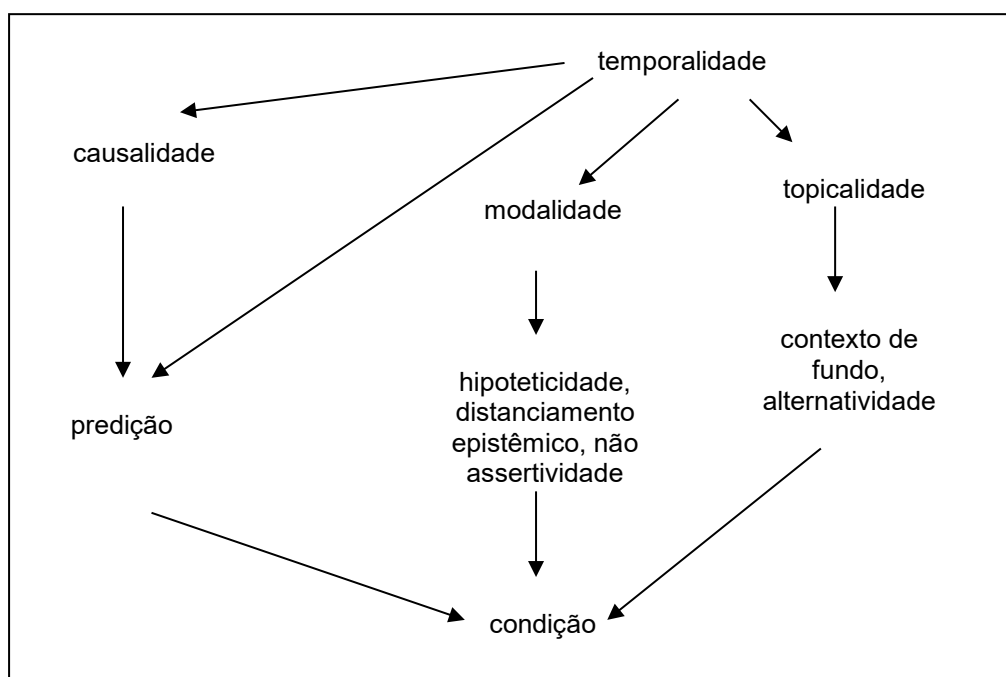
Nessas construções, os traços mais marcantes são predição, projeção de uma conclusão futura a partir de um evento não realizado, e a construção de um espaço cognitivo alternativo, função essa já desempenhada pelos conectores temporais. A associação entre os dois traços numa relação de sequencialidade licencia uma leitura causal, permitindo a inferência de condicionalidade.

O terceiro e mais produtivo grupo é aquele que associa as noções de topicalidade e sequencialidade. Nesse conjunto, estão as microconstruções que abrem um espaço alternativo, um fundo, a partir do qual uma outra informação será enunciada. Nesses casos, a topicalidade é responsável por construir um espaço cognitivo alternativo e a sequencialidade por relacionar as duas porções de informação como uma relação de causalidade. Esses traços associados às marcas modo-temporais, em especial nas microconstruções [[posto\_que] O<sub>i</sub>], [[visto\_que] O<sub>i</sub>] e [[dado\_que] O<sub>i</sub>], ativam a inferência da condicionalidade. Participam desse grupo, ainda, as microconstruções [[a\_não\_ser\_que] O<sub>i</sub>], [[no\_caso\_que] O<sub>i</sub>], [[na\_condição\_ em\_que] O<sub>i</sub>], [[caso\_se] O<sub>i</sub>], [[na\_eventualidade\_de\_que]O<sub>i</sub>] e [caso]O<sub>i</sub>], como mostra a sequência de exemplos abaixo:

- (4) ele não tinha mais lugar lá, a não ser que aceitasse a condição de "comandante burocrático" (19Or:Br:Intrv:Com)
- (5) mistura todos os seres conforme as suas idéas, posto que fossem extravagantes (18:Amaro:Compendio)
- (6) Dado que a massa molar da unidade repetitiva do poliestireno fosse 104, o valor de 1000 para n representa uma média de massa molar de 104000. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- (7) Caso o valor máximo a ser captado seja inferior ao máximo sustentável determinado pelo teste, o usuário deverá declarar o valor máximo que pretende captar e fazer uma observação sobre isso no campo "« observação »" do item "« captação »" que consta no CNARH. (*Corpus* do Português: G BR 200.20.53)

Como se nota, a sequencialidade é fundamental para o significado condicional emergir. É a sequencialidade entre os enunciados que, associada a outros elementos, permite a inferência da causalidade, dentre todos, o mais essencial parâmetro da condicionalidade. Associada a esse, está a não-factualidade, marcada de diversas maneiras, já que nem sempre é parte do significado do conectivo, como nos casos de [dado\_que], [posto\_que] e [visto\_que], que indicam uma informação dada.

Considerando as bases conceituais dos conectores que marcam a condicionalidade em português, considera-se que o mapeamento entre os domínios conceituais e os significados de condição pode resolver-se conforme mostra o Quadro 2. Vê-se aí que o significado condicional é considerado a partir de suas múltiplas possibilidades e o mapeamento dos domínios conceituais desemboca em traços específicos desse significado. Essa proposta está assentada sobre a premissa cognitivista de que existem determinações semântico-pragmáticas e cognitivas do significado. Desse modo, as nuances do significado condicional estão intimamente ligadas ao domínio conceitual base, distribuídos da seguinte forma:

**Quadro 2:** Bases conceituais da condicionalidade

Como proposta secundária chega-se ao entendimento de que os significados também estariam distribuídos entre os diferentes tipos de condicional. Comumente, reconhecem-se quatro tipos de condicional: as condicionais de conteúdo, as condicionais epistêmicas, as condicionais de atos de fala e as condicionais metatextuais (DANCYGIER, 1998). Esses tipos poderiam ser colocados numa escala de abstratização e intersubjetivização, tal como a seguir.

**Quadro 3:** Escala de tipos de condicional

condicionais de conteúdo >	condicionais epistêmicas >	condicionais de atos de fala >	condicionais metatextuais
contexto de fundo predição sequencialidade	contexto de fundo, hipoteticidade, distanciamento epistêmico, não assertividade	hipoteticidade, distanciamento epistêmico, não assertividade, alternatividade	contexto de fundo, hipoteticidade, distanciamento epistêmico, não assertividade, alternatividade

A partir dessa escala, os traços dos significados de condição podem ser: condicionais de conteúdo > condicionais epistêmicas > condicionais de atos de fala > condicionais metatextuais.

As condicionais de conteúdo são o tipo mais básico de condicional. Nelas estariam presentes traços da causalidade que se marcam especialmente pela predição, propriedade da condicional de projetar uma consequência a partir de um evento ou proposição dado. A interpretação de causa vai se perdendo à medida que significado condicional se torna mais (inter)subjetivo e, conseqüentemente, mais abstrato. Proporcionalmente, quanto mais se desenvolve mais nuances o significado apresenta.

Assumindo que as estruturas linguísticas e os significados não existem separadamente, a condicionalidade pode, então, ser concebida como uma categoria que abriga uma rede de construções, e o significado condicional é resultado de processos inferenciais instaurados pela correlação de diversos parâmetros, que resultam na convencionalização dessas inferências e implicaturas.

### **Considerações finais**

Este trabalho se insere numa série de estudos sobre o desenvolvimento e a expressão da condicionalidade em português. Como aproveitamento principal, propõe-se distinguir a condicionalidade, vista como uma categoria conceitual, da classe dos conectores condicionais, concebida como uma categoria sintática para, a partir daí, traçar quais os diferentes matizes do significado condicional em português, quais conceitos base dão origem a que nuances do significado condicional, quais os processos de codificação do significado condicional.

As reflexões que aqui se propõem partiram do princípio cognitivista mais básico de que uma categoria não pode estar organizada apenas em termos de esquemas prototípicos, mas também no entendimento de como elementos periféricos se relacionam ao núcleo definidor da categoria. A análise da condicionalidade na perspectiva construcionista possibilita a compreensão das propriedades formais e funcionais da rede construcional como um todo, e não apenas de tipos particulares de construções. Isso se justifica, principalmente, porque o significado condicional não está presente num único elemento, mas é resultado da correlação convencional de vários aspectos da construção. Além disso o significado condicional desemboca em nuances de sentido diversas que não são derivadas de componentes de sua estrutura.



**Referências**

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010

CROFT, W. *Radical construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DANCYGIER, B. *Conditionals and prediction: time, knowledge and causation in conditional constructions*. (Cambridge Studies in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Mental spaces in grammar: conditional constructions*. Cambridge Studies in Linguistics 108. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DAVIES, M; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 11 abr. 2019.

FERRARI, L. Construções gramaticais e a gramática das construções condicionais. *Scripta*, v. 5, n. 9, p. 143-150, 2001.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford University Press, Oxford, 2006.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, v. 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, T. P. A construção condicional em português. *Revista de Letras*, v. 2 n. 38, 2019, s/p.

NEVES, M. H. M.; HIRATA-VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual. *Delta*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017.

SWEETSER, E. E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. (Cambridge Studies in Linguistics, 54).

TRAUGOTT, E. C. Conditional markers. In: HAIMAN, J. *Iconicity in syntax*. New York/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1985, p. 289-307.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

*Recebido em 19/08/2019*

*Aceito em 18/11/2019*